

# ETNOGRAFIA

## MEMÓRIAS DE UM PESQUISADOR: UMA AVENTURA ANTROPOLÓGICA THE FIELD NOTES OF A RESEARCHER: AN ANTHROPOLOGICAL ADVENTURE

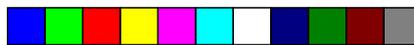
Rita Cristina de Souza Santos

**Resumo:** O presente artigo propõe ao leitor, um exercício de reflexão e discussão sobre o percurso de um pesquisador em campo: a entrada, os percalços ao longo do processo de construção da investigação, as descobertas, o contato com os atores, enfim, toda a aventura antropológica em um mundo inicialmente desconhecido. Para tanto, apresenta a narrativa dos aspectos metodológicos de um estudo etnográfico - **A vulnerabilidade do jovem em um paraíso serrano**: os jovens pobres de Nova Friburgo -, Tese (Doutorado), defendida no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2006.

**Palavras-chave:** etnografia, investigação, aspectos metodológicos, aventura antropológica.

**Abstract:** This article offers the reader a reflection and discussion on the course and practice of field research: the setting off, the hurdles encountered along the inquiry, the findings, the contact with the actors - in short, the true adventure that anthropology entails when facing a previously unknown world. Hence, this paper is a narrative of the methodological aspects of an ethnographic case study - The vulnerability of the youth in a mountain paradise: the young people of Nova Friburgo - a Ph.D Thesis, IMS/UERJ (The Institute of Social Medicine at The State University of Rio de Janeiro), 2006.

**Keywords:** ethnography; research; methodological issues; anthropological adventure.



## Introdução

Imagine-se estacionando seu carro particular na rua de um bairro de pobres cujo nome permanecia nas manchetes dos jornais como um dos focos de violência urbana, um centro de marginais e de bandidos. Você não conhece ninguém que lhe possa indicar os caminhos e prestar-lhe as informações de que necessita para mover-se sem riscos desnecessários. Você nem sabe muito bem onde procurar o que tem em mente. Conhece apenas um jovem que lhe foi apresentado por um amigo comum, o qual lhe recomendou cautela. E nada mais.

Zaluar (2000).

Inspirada nessas palavras e na cena por elas evocada –, analogia com a entrada de um pesquisador em campo, para desenvolver seus “próprios métodos de descoberta e de sobrevivência num mundo inicialmente desconhecido” (ZALUAR, 2000) – comecei o trabalho no universo do município de Nova Friburgo, região serrana do Estado do Rio de Janeiro, em 2004.

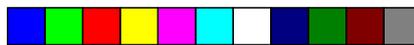
Iniciar o estudo e o aprendizado sobre o perfil dos jovens pobres (12 / 18 anos) do município de Nova Friburgo, através de indicadores sociais, condições de vida e estratégias de sobrevivência, bem como buscar a compreensão dos circuitos e mecanismos que permitem caracterizar esses jovens como grupo de vulnerabilidade social (CASTEL, 2001), pareciam tarefas relativamente fáceis.

Isso porque já havia trabalhado, por um período de quatro anos, como docente em uma universidade local da rede privada, o que me permitiu ingressar nos diversos meandros da sociedade friburguense, quer nos campos de estágio em Psicologia Escolar (escolas, creches, comunidades pobres nas zonas rural e urbana), na supervisão de alunos, quer na condição de convidada em festividades promovidas pela “*elite*” local.

Desde então, causava-me estranheza a convivência harmônica entre o mito de prosperidade, homogeneidade e cordialidade, tão decantado em verso, prosa e propagandas turísticas de Nova Friburgo - a Suíça Brasileira, cidade paradisíaca - e os visíveis reflexos da mundialização, discutidos na atualidade pela Sociologia do Trabalho (CASTEL, 2001).

Os efeitos da globalização estão presentes no município; apesar de se tratar de uma cidade média, que não faz parte de nenhuma região metropolitana e apresenta problemas tais como: o crescimento do desemprego e a conseqüente precarização e flexibilização do trabalho; a presença de imigrantes, oriundos não mais da Suíça ou da Alemanha, mas de municípios vizinhos e quicá de outras regiões do país, principalmente do Estado do Rio de Janeiro - Baixada Fluminense -, na disputa por postos de trabalho em um mercado cada vez mais restrito e seletivo.

Em conseqüência desse cenário de disputa, dia após dia uma multiplicidade de categorias toma forma e lugar no movimento social friburguense: desempregados há longo tempo; mulheres sem emprego e com obrigatoriedade de manter o sustento das famílias; jovens sem trabalho e sem perspectiva futura de alcance, por falta de qualificação profissional; jovens traba-



lhadores temporários, não mais apenas na zona rural, como também na área urbana, ou seja, os supranumerários.

Castel (2001) define o quadro acima descrito - o qual não constitui privilégio de Nova Friburgo, mas sim está relacionado principalmente às regiões metropolitanas ou megacidades - como determinada situação marcada por comoções que afetaram, recentemente, a condição salarial: o desemprego em massa e a instabilidade das situações de trabalho; a inadequação dos sistemas de proteção; e a multiplicidade de indivíduos cujo futuro é marcado pelo selo do aleatório - os “inempregáveis” ou empregados de regime precário supranumerários.

A inquietação causada pela construção do conhecimento sobre tal realidade levou-me à reflexão sobre os termos utilizados pelos ingleses - *establishment*, *established* e *outsiders* - para designar grupos e indivíduos que ocupam ou não posições de prestígio e poder, ainda que indicadores sociológicos como renda, educação ou tipo de ocupação sejam relativamente homogêneos. (NEIBURG, 2000).

A minoria dos melhores e os excluídos da boa sociedade, grupos analisados por Neiburg (2000), facilmente seriam identificados na segregação social existente no município, até mesmo após a morte, como apresenta Araújo (1992) ao descrever a existência, desde a segunda década do século XX, de um cemitério público municipal com divisões internas para o enterramento daqueles pertencentes à Irmandade de S.S. Sacramento - representantes da elite da cidade - e um espaço reservado para o público em geral.

Além do cemitério público, outro cemitério, criado pelos primeiros alemães estabelecidos na antiga colônia, foi reconhecido pelo poder municipal, no início do século XX, como exclusivo dos alemães e seus descendentes, independentemente de situação econômica.

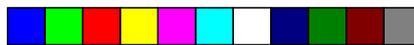
### **As primeiras frustrações e tentativas**

Ingenuamente, acreditei que a mesma receptividade encontrada como “docente da universidade” nos diversos grupos friburguenses seria encontrada nos meandros da política local, ao penetrar em suas instâncias como pesquisadora.

Somente depois de muitas frustradas tentativas de aproximação e de agendamento de entrevistas, percebi que seria necessário estabelecer novas relações pessoais, e minha aceitação como pesquisadora dependeria mais do tipo de pessoa que eu me revelasse ser aos olhos dos meus contatos nas instâncias políticas, do que daquilo que a pesquisa pudesse representar para o município e, mais especificamente, para a construção de políticas públicas de atendimento integral aos adolescentes friburguenses, em especial os jovens pobres.

Cicourel (1990) ilustra a questão com uma citação de Dean:

Os contatos no campo querem se assegurar de que o pesquisador é um bom sujeito, de que se pode ter certeza que não fará nenhuma sujeira, com o que



descobrir. Eles não estão interessados em entender a base lógica de um estudo.(p.90).

As primeiras tentativas no campo da política municipal (secretarias municipais, gabinete da prefeita, câmara de vereadores) e da justiça (vara de família e da infância e juventude) não foram, no entanto, muito animadoras. Digamos até, desestimuladoras. “Vale a pena insistir?”, perguntava-me, cada vez que não era atendida nessas instâncias.

Deparei-me, neste início de trabalho, com um cenário de grande caos político no município, caracterizado por um mandato de oposição na prefeitura – Partido Social Democrata - apoiado na época de eleição por um ex-governador do Rio de Janeiro, após longos mandatos de alternância dos dois grupos que brigam pela hegemonia no município (COSTA, 1997): o grupo liberal, de origem udenista, e o grupo nilista (Nilo Peçanha), de origem no PSD.

O primeiro grupo caracteriza-se, segundo Costa (1997), pela defesa dos interesses da indústria e do comércio e foi responsável pela criação da visão da cidade como um paraíso capitalista, espelho do progresso alcançado graças à presença do capital privado nas principais atividades econômicas.

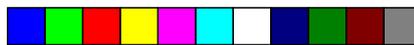
De outro lado, o segundo grupo caracteriza-se inicialmente pela responsabilidade da defesa dos interesses ruralistas e, posteriormente, pela adoção de práticas populistas, deslanchadas por meio de atendimento a algumas das necessidades básicas da população carente, com forte presença do líder político que concede benesses às classes trabalhadoras.

A sensação de que precisaria desenvolver o trabalho com muita cautela e tato, tanto por conta das formações sociais locais - marcadas pela persistência da característica de fechamento do seu subsistema político, no qual o acesso aos recursos de poder sempre esteve centrado nas mãos de alguns poucos -, como pelo fato de a credibilidade do governo local estar abalada pelas freqüentes gestões descompromissadas com o bem-estar social, causou-me certa apreensão inicial.

Como explicar meus objetivos e fazer-me compreendida? Como justificar a necessidade da utilização das técnicas de entrevista, da observação participante, do grupo focal e da busca nos jornais e das atas da câmara de vereadores, para reconhecer a amplitude e a diversidade de fatores que contribuem para a vulnerabilidade dos jovens pobres friburguenses? Como fazer com que minha atividade fosse vista não como ataque político, mas como um trabalho, cujo objetivo consistia em propiciar a discussão da ampliação de modos mais justos, democráticos e cuidadosos de fazer Saúde no município, independentemente de partido político.

Fazer política, e não politicagem, portanto. Será que estava sendo clara o suficiente? Pergunta constante durante minha inserção no campo. A análise da implicação de minha presença no campo constituiu tarefa fundamental para o exercício da pesquisa.

Em vista dos ingredientes ideológicos locais e externos que foram



constituindo a sociedade friburguense, bem como da rede de organizações sociais, inquietava-me para compreender que tipo de democracia, baseada em que cidadania, teria pela frente.

Seria uma cidadania regulada (SANTOS, 1994), cujas raízes se encontrassem não em determinado código de valores políticos, mas em um sistema de estratificação definido por uma norma legal? Quem seriam os cidadãos? Apenas os membros da comunidade que se encontrassem localizados em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas em lei? Estariam os seus direitos restringidos ao lugar que ocupassem no processo produtivo?

Através da leitura dos escritos de Castel (2001), foi também possível compreender que a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade (redes de proteção próximas, propiciadas pela vizinhança) constituem em conjunto uma zona intermediária e instável: a vulnerabilidade social, conceito que o autor prefere ao de exclusão social.

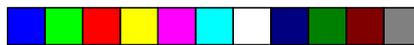
Diante de uma forasteira, mulher, negra e com nível de escolaridade superior (fato incomum no município, cuja maioria da população é descendente de europeus), despertava-se o sentimento de estranheza e a curiosidade entre os mais favorecidos e os desfavorecidos economicamente no município, por razões diferentes, é óbvio.

Para determinadas pessoas, o espanto transformou-se em admiração, e para alguns jovens pobres, também negros, além da admiração, a identificação. “Eu gostaria que a minha mãe fosse como a senhora”, palavras de uma jovem da turma de cerâmica do projeto Oficina-Escola de Arte para jovens pobres do município.

A única certeza presente no início do meu trabalho de campo é de que precisava trabalhar com afino e persistência, procurando explorar a rica experiência de campo e as bases metodológicas lançadas por Malinowski (ZALUAR, 1990): a convivência diária com o outro – os nativos ou estrangeiros, os silenciosos ou silenciados - a fim de conhecê-los. Digamos até a fim de compreender as razões do silêncio e dos receios da população em situação de vulnerabilidade no município, bem como a organização do cotidiano político local e seus efeitos na saúde integral da população jovem pobre friburguense.

Percebi então que só ao conviver diariamente com o “nativo” (cidadão friburguense) - freqüentando as reuniões dos conselhos municipais e os fóruns de defesa da criança e do adolescente; os “points” dos jovens friburguenses (shoppings, clubes, praças); os grupos de estudos da elite intelectual local (grupos de filosofia e/ou psicanálise); as festividades locais (festa de aniversário da cidade, parada de Sete de Setembro, carnaval local, festival de inverno) e as aulas da Oficina-Escola de Artes, projeto municipal para jovens de baixa renda -, eu poderia observar os casos reais e os comportamentos dos alunos.

Zaluar (1990) ilustra a questão:



Foi sobre a necessidade de conviver com os nativos, morar entre eles, participar de suas atividades cotidianas, que Malinowski sempre insistiu. Várias são as razões apresentadas por ele: a falta de documentos históricos, de registros feitos concretamente entre os povos primitivos [...]. O etnógrafo, diz ele, não vai encontrar os seus fatos formulados num código de leis escrito ou explicitamente expresso, pois toda a sua tradição tribal, toda a estrutura de sua sociedade encontram-se incorporados no evasivo de todos os materiais: o ser humano. (ZALUAR, 1990, p. 11).

Era preciso, portanto, ouvi-los enquanto discutiam a política local, com argumentos favoráveis ou contrários à atual prefeitura ou aos seus antecessores; enquanto debatiam os problemas básicos do dia-a dia friburguense, para me fazer conhecida como pesquisadora, e não como uma possível “espiã da oposição”.

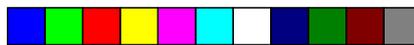
Malinowski (1990) ilustra a situação:

[...], há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados através de perguntas, ou documentos quantitativos, mas devem ser observados em sua plena realidade. Denominemo-los os imponderáveis da vida real. Entre eles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, os detalhes com o corpo, da maneira de comer e preparar as refeições; o tom das conversas e da vida social ao redor das casas da aldeia; a existência de grandes amizades e hostilidades e de simpatias e antipatias passageiras entre as pessoas; a maneira sutil, mas inquestionável, em que as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento do indivíduo e nas reações emocionais dos que os rodeiam. Todos esses fatos podem e devem ser cientificamente formulados e registrados, mas é necessário que o sejam, não através de um registro superficial de detalhes, como é habitualmente feito por observadores em treinamento, mas por um esforço de penetração da atitude mental que neles se expressa. (p. 55).

Foi necessário, para tanto, deixar de ser a professora carioca que circulava pela cidade apenas nos dias de trabalho na universidade, para assumir o papel da pesquisadora que circulava diariamente pela cidade, nos mais diversos contextos. O contato diário com a população facilitou a indicação e apresentação de pessoas ditas “importantes” para a pesquisa – políticos e profissionais envolvidos com a causa do adolescente friburguense – em instituições de caráter privado e/ou público de proteção e garantia dos direitos da criança e do adolescente no município.

“Pessoas ditas importantes”, indicadas a princípio pelos meus alunos friburguenses na universidade, as quais por sua vez fizeram posteriormente suas próprias indicações. Assisti assim à formação de uma verdadeira rede de indicações e apresentações.

Alem disso, os e-mails de representantes das instituições acima citadas, que me foram enviados no período de férias, solicitavam notícias sobre o meu retorno ao campo e repassavam informações sobre acontecimentos na cidade. Confirmação da minha “inserção” na vida cotidiana do grupo? – perguntava-me. Constantemente, recebia “dicas” de material importante para



o meu trabalho, bem como indagações sobre o porquê de não mais participar das reuniões ou dos eventos da cidade.

### **Conhecendo a história do município através dos documentos**

Através dessas “dicas” de suma importância para o presente estudo, tive a oportunidade de conhecer o Arquivo Documental Histórico da Prefeitura de Nova Friburgo - Pró-Memória -, instituição ímpar, localizada no centro da cidade, em um pequeno espaço físico, sem nenhuma placa de identificação visível, a qual congrega os arquivos da memória friburguense: documentos, fotografias, velhos e novos jornais e trabalhos científicos de uma nova geração de historiadores friburguenses. Enfim, verdadeiro mergulho documentário desde os tempos do Império.

Tão logo descobri o Pró-Memória, novos questionamentos vieram à tona. A descoberta da história - não aquela que faz desfilar as pessoas ditas ilustres, mas aquela que se preocupa com um processo social mais abrangente, com as particularidades e potencialidades da região -, não deveria ser conhecida por todos? Por que até mesmo os meus alunos na universidade local desconheciam a instituição?

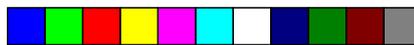
O conhecimento, o saber, a possibilidade de questionar não diminuiriam a zona de vulnerabilidade na qual os jovens pobres se encontram? Não estaria o município na busca do atendimento às disposições preliminares do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - com alguns direitos fundamentais: vida, saúde, educação, cultura, dignidade, respeito e liberdade, se estimulasse a aquisição do conhecimento da própria história?

Vislumbrei a instituição com uma agenda lotada de marcações de visitas de jovens, por intermédio de suas escolas ou, até mesmo, por intermédio de associações de moradores. Mas o espaço é tão pequeno, freqüentado por tão poucos friburguenses -, embora visitado freqüentemente por estudantes de universidades do Estado do Rio de Janeiro e de outros estados, como pude verificar ao longo do processo de coleta de dados.

Pensei, então, como Castel (2001):

Mas os supranumerários nem sequer são explorados, pois, para isso, é preciso possuir competências conversíveis em valores sociais, são supérfluos. Também é difícil ver como poderiam representar uma força de pressão, um potencial de luta, se não atuam diretamente sobre nenhum setor nevrálgico da vida social. Assim, inauguram sem dúvida uma problemática teórica e prática nova. Se, no sentido próprio do termo, não são mais atores porque não fazem nada de socialmente útil, como poderiam existir socialmente? No sentido, é claro, de que existir socialmente equivaleria a ter efetivamente um lugar na sociedade. Porque, ao mesmo tempo, eles estão bem presentes - e isso é o problema, pois são numerosos demais (p. 33).

E como alcançar um lugar na sociedade, sem cultura, sem conhecimento dos fatos que marcaram a sua própria história (MAYER, 2003) - as



presenças marcantes indígenas e negras na gênese de Nova Friburgo; a falência administrativa portuguesa e imperial nos primórdios; a heterogeneidade dos imigrantes; a inexistência de um ideal comum que pode ter reforçado o individualismo familiar, prejudicando a socialização -, se desde as origens os colonos foram marginalizados, o que veio a enfraquecer a agregação comunitária?

Paralelamente ao processo de levantamento dos aspectos da vida diária dos friburguenses e do comportamento ordenado da comunidade juvenil, bem como do levantamento, através das entrevistas semi-estruturadas, do cotidiano da gestão do município e dos pontos de vista e opiniões de quem participa do planejamento e execução das políticas de atenção integral ao adolescente no município, iniciei o processo de aprofundamento da conjuntura e da constituição de tais políticas, através do jornal A Voz da Serra e das Atas da Câmara Municipal.

O material coletado nessas fontes – jornais e atas –, já serviu de apoio para esta descrição do processo de investigação:

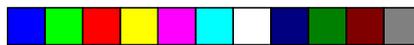
A história se faz e se refaz sem cessar. Muitos aspectos que não mereceram uma grande atenção no passado, hoje se colocam como elemento fundamental para o bem-estar da humanidade. É o caso de campos temáticos envolvendo as relações sociais de produção e moradia, de questões concernentes à saúde física e espiritual e o ambiente (ARAÚJO, 2003, p. 15).

Não enfrentei dificuldades maiores, a não ser gerenciar o tempo para leitura, análise e registro de cada um dos jornais editados no período. A presença constante de interlocutores, funcionários do Pró-Memória, em especial um dos representantes do grupo de jovens historiadores da cidade, citado anteriormente, facilitou a compreensão do processo histórico e a confirmação da veracidade dos fatos publicados nos jornais locais, que em alguns períodos, ocuparam o locus de oposição ao governo local por pertencerem as famílias de correntes políticas opostas.

De outro lado, o trabalho de pesquisa realizado na Câmara Municipal constituiu-se de fases distintas. Caracterizo a primeira como de fácil acesso, em virtude da presença de um dos componentes do grupo dos jovens historiadores da cidade, responsável pelas atas. A segunda fase, iniciada no período de afastamento do referido funcionário por motivos de candidatura nas eleições municipais, caracterizo como reconquista do espaço.

Como a Câmara Municipal não dispõe de nenhum espaço físico específico à pesquisa, e as atas não podem ser retiradas do recinto, durante a primeira fase o processo de consulta, análise e registro de fatos relacionados às políticas de atendimento integral ao adolescente e à conjuntura política, ocorreu na sala de som, ao lado do plenário.

Tornei-me figura conhecida dos vereadores que chegavam todas as terças-feiras para a plenária semanal. Alguns esboçavam curiosidade, outros pareciam não se importar com minha presença, embora procurassem obter maiores informações com o funcionário responsável pelo setor; outros ainda



se aproximavam e procuravam obter informações diretas sobre um possível apoio no pleito eleitoral vindouro. “Você não vota aqui, mas pode me indicar para os seus alunos”. (palavras de um dos vereadores, mais comunicativo).

Foote-White (1990) cita Goffman, para discutir a posição do observador em relação aos sujeitos em estudo, ou melhor, à interação social estabelecida entre eles:

Quando um indivíduo entra na presença de outros, estes, em geral, procuram obter informações sobre ele ou trazer à tona informações sobre ele já obtidas. Eles estarão interessados no seu status sócio-econômico geral, sua concepção de ego, sua atitude para com eles, sua competência, sua lealdade, etc. (p.108).

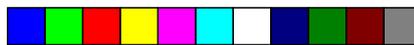
Na segunda fase, iniciada no período de afastamento do funcionário responsável pelas atas, alojei-me na secretaria da Câmara Municipal. Passei, nesse período, por uma minisabatina sobre o meu percurso profissional, sobre o tema e objetivo da pesquisa, e foi-me recomendada a entrega de um requerimento ao presidente da Câmara, com a solicitação de nova permissão para consultar as atas.

Embora as atas apresentem material público, constituem documentos oficiais que, em alguns momentos, desvelam *segredos*. “Sem dúvida, uma das situações que mais provocam ansiedade num indivíduo é tornar público o que ele considera como comportamento privado, da região anterior”. (BERREMAN, 1990, p. 163).

Inegavelmente, os maiores obstáculos (alguns intransponíveis) no decorrer do trabalho de campo surgiram na coleta de dados quantitativos oficiais em instituições governamentais e não-governamentais, fontes de suma importância para levantamento e análise das políticas de atenção integral ao adolescente no município: Conselho Tutelar, Conselho de Defesa da Criança e do Adolescente, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Estadual de Educação, Fundação para a Infância e Adolescência e as ONGs parceiras, Maternidade Municipal e 151º DP de Nova Friburgo.

Inexistência de registros; folhas incompletas de registros estatísticos; falta de notificação dentro das normas técnicas e das rotinas de procedimento de orientação dos profissionais da saúde e da educação responsáveis por tal tarefa – têm gerado subestimação dos dados referentes às condições do adolescente friburguense.

De antemão sabia da impossibilidade de encontrar dados inteiramente objetivos, uma vez que estes são decorrentes de operações mentais de quem os registra, ou seja, são construídos e, portanto, sofrem as interferências das variáveis: forma de registro, categorias preestabelecidas para o registro; categorias de análise; interpretação de quem presencia e registra; e posição institucional de quem registra o dado, valendo-se de construtos científicos ou quiçá de senso comum (ZALUAR, 2004).



Só não esperava não encontrá-los! Trabalhei, portanto, com as seguintes fontes de informação: estatísticas oficiais da ASPLAN - Assessoria de Planejamento da Secretaria de Estado de Segurança Pública – Assistência de Estatística Administrativa e Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro (ainda que incompletas) -; estatísticas de saúde no município (Ministério da Saúde e IBGE); indicadores sociais (IBGE, Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil); estatísticas informais (FIA); dados dos livros de registro do Hospital Maternidade de Nova Friburgo (a estatística foi construída a partir da coleta nos livros).

Essa é a base – segundo Zaluar (2004) – referente à violência e à criminalidade, sobre a qual se monta todo o aparato de dados estatísticos oficiais que envolvem interdições, graves penalidades, segredos, perigos e até risco de vida para quem se dispõe a falar sobre o ocorrido.

Fome, pobreza, falta de emprego, falta de perspectiva de vida, precariedade, todos esses itens são aqui considerados também como violência. E violência é um problema de saúde. Mas como cuidar de um problema desconhecido, ou melhor, não notificado? Como oferecer proteção a alguém que sequer sabe que corre riscos?

Castel (2001, p. 51) afirma que

Há risco de desfiliação quando o conjunto das relações de proximidade que um indivíduo mantém a partir de sua inscrição territorial, que é também sua inscrição familiar e social, é insuficiente para reproduzir sua existência e para assegurar sua proteção.

### **A importância das falas**

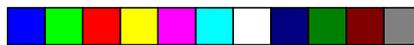
Assim como Malinowski (1990), procurei no processo de estudo da cultura e da organização da sociedade friburguense levar em consideração os comportamentos, o tom das conversas, as atitudes do corpo e a expressão facial, os pontos de vista e opiniões expressas sobre o município, as condições sociopolítico-econômicas e, principalmente, o jovem pobre friburguense.

Chegar mais perto da população friburguense nos mais diversos estratos sociais permitiu-me, ainda, clarificar a percepção da poderosa e invisível hierarquia da sociedade, como na pequena comunidade batizada com o nome fictício de Winston Parva, pesquisada por Norbert Elias e John Scotson, no final dos anos 50 (ELIAS, SCOTSON, 2000).

Segundo os autores,

Veja por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmo (se auto-representam) como humanamente superiores (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 19).

Essa superioridade, em Nova Friburgo, é expressa pelos sobrenomes de origens suíça e alemã, que nomeiam até mesmo as principais ruas e



praças da cidade. Embora, no que concerne ao fator econômico, as diferenças entre os descendentes de colonizadores (suíços e alemães) e os não-descendentes, que chegaram posteriormente, não sejam mais tão evidentes nos últimos anos.

As falas de cada entrevistado – representantes de entidades de proteção e garantia de direitos de crianças e adolescentes friburguenses, políticos locais e os próprios jovens friburguenses –, como num jogo de quebra-cabeça, receberam igual atenção, visto que, segundo Gluckman (1990), o objetivo do pesquisador não é descobrir a interpretação correta, mas procurar explicar as interpretações particulares e transformar os ditos sujeitos da pesquisa em atores, e não em informantes.

Logo, todos os sujeitos descritos acima, independentemente de suas posições no município, do político ao cidadão comum, considerados respectivamente como established ou outsider, no sentido atribuído pelos ingleses (NEIBURG, 2000), auxiliaram na construção do conhecimento sobre a história de Nova Friburgo: suas lendas, seus personagens, fatos pitorescos, cultura política, e principalmente, o perfil dos seus jovens pobres.

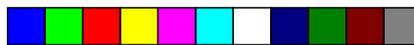
Os problemas práticos relacionados à questão de identificação social do pesquisador, apontados por Foote-White (1990), foram claramente percebidos ao longo do processo de coleta de dados. Apesar da aceitação de minha figura como pesquisadora na cidade, continuei sendo “carioca”. Em alguns momentos das entrevistas, os interlocutores questionavam se a situação do adolescente no Rio de Janeiro era muito diferente de Friburgo.

Para os atores adolescentes, eu fazia parte de outra cultura, de uma cidade que desperta curiosidade, porém receio. Muitos nunca vieram ao Rio de Janeiro, apesar do curto tempo de viagem: 2h30m. Muitos não conhecem outros municípios na própria região serrana.

Ainda segundo Foote-White (1990), torna-se imprescindível descartar qualquer juízo de valor no convívio com os atores. É muito menos agir como estes, em busca de integração. Dessa forma, abdica-se da visão etnocêntrica que permite considerar os termos e valores de uma cultura (cidade grande) como melhores ou mais avançados em detrimento de outra cultura (interior). A incursão em outro mundo permite ao pesquisador conhecer melhor a cultura do “nativo” (friburguenses) e ampliar o conhecimento sobre a sua própria cultura.

Embora Nova Friburgo tenha alcançado no último Censo Demográfico (IBGE 2000) o total de 173.418 habitantes - 84.281 homens e 89.137 mulheres, com o maior número de habitantes concentrados na faixa etária de 10/19 anos (30.202) -, e compreenda no seu espaço geográfico três universidades (duas privadas, uma pública), duas faculdades (uma municipalizada, uma privada), seus habitantes ainda se autodenominam moradores de uma pequena cidade do interior do Rio de Janeiro e, por isso, orgulham-se de conhecer quase todos os moradores.

Como eu já atuava em uma universidade local desde 2000, o momento do choque cultural foi vivenciado bem antes do início do processo da



pesquisa, o que me permitiu vencer os obstáculos mais facilmente ao entrar em campo, e não passar por um período de marginalidade tão longo, como cita Foote-White (1990), pelo fato de estar entre duas culturas, sem fazer parte integrante de nenhuma delas.

Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas; na verdade, sentiam-se atraídas e satisfeitas pelo fato de me acharem diferente, contanto que eu tivesse amizade por elas.(FOOTE-WHITE, 1990, p. 82).

E, parafraseando Schwartz e Schwartz (Citados por CICOUREL, 1990), no decorrer do processo de investigação científica estamos em uma relação face a face com os observados (atores), participando de sua vida, no seu cenário natural. E por estarmos presentes no contexto, ao mesmo tempo somos modificados pelos atores e os modificamos. Assim como nas palavras de Evans-Pritchard (1990):

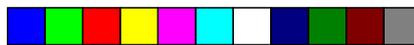
A viagem de estudo etnográfico pode ser uma experiência reveladora e de enorme valor, uma vez que coloca o etnógrafo numa posição controladora que permite observar simultaneamente duas culturas- a sua própria (incluindo o seu treinamento de antropólogo) e a do grupo que está estudando. É exatamente neste momento que ele desenvolve a visão social estereoscópica (p. 249).

À medida que eu era aceita nas instâncias do município em estudo, alguns convites foram feitos. Declinei dos que envolviam cargos, mas aceitei com prazer a participação em eventos promovidos pela Secretaria de Estado de Educação, como palestrante em mesas de discussão sobre o tema Construindo a Cidadania da Criança e do Adolescente, no município de Nova Friburgo. “Ainda que me esquivasse de influenciar indivíduos ou grupos, tentei ser útil no sentido em que se espera auxílio de um amigo em Cornerville”.(CICOUREL, 1990, p.83).

Cicourel (1990) apresenta ainda a argumentação de que a consequência imediata da participação do pesquisador na vida do grupo em estudo é a solicitação de ajuda feita por esse grupo para decidir a política que vai alterar suas atividades.

### **Percurso final**

Ao longo de todo o processo de coleta de dados para a pesquisa, vivenciei, dia a dia, todas as questões apresentadas pelos autores e discutidas neste artigo. O aprendizado foi imenso, porém, o mais importante, prazeroso. Lidar com todo o material coletado constitui o grande desafio do pesquisador. É necessário, como propõe Zaluar (2000), que a tomada das entrevistas resulte em um texto que facilite o distanciamento para o pesquisador; bem como facilite o captar da troca de idéias presentes no diário de campo, com o intuito de arrancar sentidos variados na polifonia existente, sem reduções ou empobrecimento, a fim de conhecer melhor os instrumentos, valores, recursos e regras de convivência que presidem as práticas sociais dos pesquisa-



dores. Porém os pesquisadores devem também manter-se dentro das discussões teóricas e políticas.

### Referências

- ARAÚJO, J.R.de. Nova Friburgo. *O processo de urbanização da Suíça Brasileira (1890/1930)*. 1992. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Centro de Estudos Gerais da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1992.
- \_\_\_\_\_. A Indústria em Nova Friburgo. In: \_\_\_\_; MAYER, J. M. (Org) *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. RJ: Ao Livro Técnico, 2003.
- CASTEL, R.. *As Metamorfozes da Questão Social: uma Crônica do Salário*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CICOUREL, A.. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A.(org) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- COSTA, R.da G.R. *Visões do paraíso capitalista: hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EVANS-PRITCHARD, E.. Antropologia Social. In ZALUAR, A. (Org). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante. In ZALUAR, A.(Org). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- GLUCKMAN, M. O material etnográfico na antropologia social inglesa. In ZALUAR, A. (Org) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- MALYNOWSKI, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. São Paulo: Francisco Alves, 1990. p.39-62.
- MAYER, J.M. A criação de Nova Friburgo. In ARAÚJO. J.R.; MAYER, J. M. (Org) *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. RJ: Ao Livro Técnico, 2003.
- NEIBURG, F. A Sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os outsiders*. RJ: Jorge Zahar, 2000.
- SANTOS, W.G.dos. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- SANTOS, R.C.de S. *A vulnerabilidade do jovem em um paraíso serrano: os jovens pobres de Nova Friburgo*. 2006. Tese (Doutorado) Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- ZALUAR, Alba.(Org). *Desvendando máscaras sociais*. RJ: Francisco Alves, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. RJ: Editora FGV, 2004.

*Texto aprovado para publicação em abril de 2010.*